

## CAPÍTULO 1

### 22 DE JUNHO DE 1911

No mesmo dia em que o rei Jorge V foi coroado na Abadia de Westminster, em Londres, Billy Williams desceu ao poço em Aberowen, no Sul de Gales.

22 de Junho de 1911 era o dia do décimo terceiro aniversário de Billy. O pai foi acordá-lo. A técnica do pai para acordar as pessoas tinha mais de eficiente que de meiga. Foi dando leves palmadas na cara do filho, a um ritmo regular, firme e insistente. Billy dormia a sono solto e, por uns instantes, tentou ignorá-lo, mas as bofetadas prosseguiram impiedosamente. Sentiu uma fúria momentânea; mas foi então que se lembrou de que tinha de se levantar, que se queria mesmo levantar, e abriu os olhos, endireitando-se com um solavanco.

— Quatro da matina — anunciou-lhe o pai, saindo logo de seguida do quarto, as botas a matraquear nos degraus de madeira enquanto descia a escada.

Hoje, Billy iria dar início à sua vida de trabalho tornando-se aprendiz de mineiro, a exemplo do que a maior parte dos homens da cidade havia feito com a sua idade. Oxalá se sentisse mais na pele dum mineiro. Contudo, estava decidido a não fazer figuras tristes. David Crampton chorara no primeiro dia que descera ao poço, e ainda hoje era conhecido por Dai Choramingas, pese embora contasse vinte e cinco anos e fosse a estrela da equipa de rãguebi da cidade.

Era o dia seguinte ao solstício de Verão, e uma clara luz matutina entrava pela janela esconsa. Billy olhou para o avô, estendido a seu lado. Estava de olhos abertos. Quando acordava, Billy apanhava o avô sempre acordado; dizia que os velhos não dormiam muito.

Billy levantou-se da cama. Tinha apenas as cuecas vestidas. Quando estava frio, ia para a cama de camisa, mas a Grã-Bretanha vinha a desfrutar dum Verão quente, e as noites estavam amenas. Puxou o penico de debaixo da cama e ergueu a tampa.

Não notava qualquer alteração no tamanho do seu pênis, o qual tratava por «Zé». Continuava o mesmo coto infantil de sempre. Estava com esperanças de que tivesse começado a crescer na noite da véspera do aniversário, ou pelo menos de ver um pêlo preto a despontar algures nas proximidades, mas sofreu uma desilusão. O seu melhor amigo, Tommy Griffiths, que nascera no mesmo dia que ele, era diferente: tinha uma voz rouca e uma penugem preta no lábio superior, e o Zé dele era como o dos homens. Era humilhante.

Enquanto Billy se servia do penico, olhou pela janela. Tudo o que conseguiu ver foi o monte de escória, uma montanha cinzento-ardósia de resíduos da mina de carvão, composta em grande parte por xisto e arenito. Deveria ter sido aquele o aspecto do mundo no segundo dia da Criação, pensou Billy, antes de Deus ter dito: «Que a terra produza verdura.» Uma brisa suave trazia o pó preto e fino do monte de escória na direcção das casas enfileiradas.

Dentro do quarto, ainda havia menos que ver. Era o quarto dos fundos, um espaço exíguo que dava à justa para uma cama de solteiro, uma cómoda e o velho baú do avô. Na parede, havia uma amostra de vários pontos bordados que dizia:

ACREDITA EM  
NOSSO SENHOR JESUS CRISTO  
E SERÁS SALVO

Não havia espelho.

Uma porta conduzia ao patamar da escada, a outra ao quarto da frente, ao qual só se tinha acesso através deste. Era mais amplo e tinha espaço para duas camas. Era lá que os pais dormiam, e o mesmo se aplicara às irmãs de Billy, anos atrás. A mais velha, Ethel, saíra entretanto de casa, e as outras três tinham morrido, uma de sarampo, outra de tosse convulsa e a última de difteria. Houvera ainda um irmão mais velho, que dividira a cama com Billy antes da vinda do avô lá para casa. Wesley de seu nome, morrera no fundo da mina, atropelado por uma vagoneta desembestada que transportava carvão.

Billy vestiu a camisa. Era a mesma que levava para a escola na véspera. Hoje era quinta-feira, e ele só mudava de camisa ao domingo. Não obstante, tinha um par de calças a estrear, as suas primeiras calças compridas, feitas com um algodão grosso e impermeável chamado fustão. Constituíam um símbolo da entrada no mundo dos homens, e vestiu-as cheio de orgulho, deliciado com o pesado toque masculino do tecido. Depois de afivelar um cinto de cabedal grosso e de calçar as botas que herdara de Wesley, desceu a escada.

A maior parte do rés-do-chão era ocupada pela sala de estar aca-nhada, com uma mesa ao centro, uma lareira dum dos lados e um tapete de fabrico caseiro no chão de pedra. O pai estava sentado à mesa a ler uma edição atrasada do *The Daily Mail*, com os óculos empoleirados na cana do nariz comprido e afilado. A mãe estava a preparar o chá. Pousou a chaleira a ferver, cumprimentou Billy com um beijo na testa e disse-lhe:

— Então, e como é que está o meu pequeno homem no seu dia de anos?

Billy não lhe respondeu. O «pequeno» vexante, porque ele era de facto pequeno, e o «homem» não lhe ficava atrás, porque ele não era um homem. Dirigiu-se à cozinha, situada nas traseiras. Mergulhou uma taça de estanho no barril da água, lavou a cara e as mãos e deitou a água para o lava-louças raso de pedra. A cozinha tinha uma tina de cobre com uma grelha de ferro por baixo, mas era usada apenas na noite do banho, que calhava aos sábados.

Tinha-lhes sido prometida água canalizada para breve, e havia algumas casas de mineiros que já dispunham dela. Parecia um milagre a Billy bastar-lhe abrir uma torneira para ter um copo de água fresca e límpida, e não ser obrigado a carregar um balde até à coluna de água ao fundo da rua. Todavia, a água canalizada ainda não chegara a Wellington Row, onde os Williams moravam.

Voltou para a sala de estar e sentou-se à mesa. A mãe pôs-lhe à frente uma grande chávena de chá e leite, já com açúcar. Cortou duas fatias de pão de forma caseiro e foi buscar uma porção de banha de porco à despensa, que ficava no vão da escada. Billy juntou as palmas das mãos, fechou os olhos e disse:

— Obrigado, meu Deus, por esta refeição, ámen.

Em seguida, bebeu um gole de chá e barrou a banha de porco no pão.

Os olhos azuis do pai espreitaram por cima do jornal. — Põe sal no pão — indicou-lhe. — Vais transpirar lá em baixo.

O pai de Billy era representante dos mineiros, ao serviço da Federação dos Mineiros do Sul de Gales, que era o sindicato mais forte da Grã-Bretanha, como ele nunca deixava de salientar sempre que a oportunidade se lhe apresentava. Era conhecido por Dai do Sindicato. Muitos homens eram conhecidos por «Dai», abreviatura de David, ou Dafydd, em galês. Billy aprendera na escola que David era popular em Gales por ser o nome do santo padroeiro, à semelhança de Patrick, na Irlanda. Os Dais eram distinguidos entre si não pelos apelidos — na cidade, quase todas as famílias se chamavam Jones, Williams, Evans ou Morgan —, mas por meio duma alcunha. Os nomes raramente eram

usados quando havia uma alternativa engraçada. Billy era William Williams, e por isso chamavam-lhe William Duas Vezes. As mulheres herdavam com frequência a alcunha do marido, de modo que a mãe era a Mrs. Dai do Sindicato.

O avô desceu ao rés-do-chão quando o neto já ia na segunda fatia. Apesar de o tempo estar quente, trajava colete e casaco. Depois de ter lavado as mãos, instalou-se diante de Billy.

— Não faças esse ar tão nervoso — tranquilizou-o. — Eu desci ao poço aos dez anos. E o *meu* pai foi levado lá para baixo às costas do pai dele quando tinha cinco, e trabalhava das seis da manhã às sete da tarde. Estava de Outubro a Março sem nunca ver a luz do dia.

— Eu não estou nervoso — assegurou-lhe o neto. Era mentira. Tinha um medo que se pelava.

O avô, no entanto, mostrou-se compreensivo e não quis insistir com ele. Billy gostava do avô. A mãe tratava-o como se fosse um bebé, e o pai era severo e mordaz, mas o avô era tolerante e falava com Billy de adulto para adulto.

— Ouçam só isto — anunciou o pai. Ele nunca comprava o *The Daily Mail*, um jornaleco conservador, mas havia ocasiões em que trazia para casa um exemplar esquecido e punha-se a lê-lo em voz alta e trocista, ridicularizando a estupidez e a desonestidade da classe governante. — «Lady Diana Boas Maneiras foi criticada por ter usado o mesmo vestido em dois bailes. A filha mais nova do duque de Rutland conquistou o prémio para a “melhor indumentária feminina” no baile do Savoy com o seu vestido de corpete rendado sem mangas e saia comprida de balão, um prémio no valor de duzentos e cinquenta guinéus.» — Baixou o jornal e acrescentou: — Isso é, na melhor das hipóteses, o que tu hás-de ganhar em cinco anos, Billy, meu rapaz. — Retomou a leitura: — «Todavia, atraiu olhares de desaprovação dos entendidos ao usar o mesmo vestido na festa de Lord Winterton e F. E. Smith no Claridge’s Hotel. Tudo o que é demais enjoa, costuma dizer-se.» — Tornou a desviar os olhos do jornal. — É melhor ires mudar de vestido, mamã — declarou. — Não vá dar-se o caso de atrair olhares de desaprovação dos entendidos.

A mãe não lhe achou graça. Trazia um velho vestido de lã castanha, com cotoveleiras e nódoas de transpiração nos sovacos. — Se eu tivesse duzentos e cinquenta guinéus, andaria bem mais arranjada que a Lady Diana Lixo — retorquiu ela, não sem uma pontada de amargura.

— Sem dúvida — intrometeu-se o avô. — A Cara sempre foi a mais bonita de todas... Tal qual a mãe dela. — Cara era a mãe. O avô virou-se para Billy. — A tua avó era italiana. Chamava-se Maria Ferrone. — Billy já estava farto de saber disto, mas o avô gostava de repetir

histórias de família. — Foi a ela que a tua mãe foi buscar o cabelo preto luzidio e os lindos olhos escuros... e a tua irmã também. A tua avó era a rapariga mais bonita de Cardiff... e quem ficou com ela fui eu! — Fez um ar subitamente entristecido. — Bons tempos, aqueles — acrescentou num murmúrio.

O pai franziu um sobrolho desaprovador (conversas daquela índole evocavam desejos carnis), mas a mãe mostrou-se agradada com o elogio do avô e sorriu-lhe ao pôr-lhe o pão diante dele.

— Ah, nem me diga nada, pai — assentiu ela. — Eu e as minhas irmãs éramos consideradas umas belezas. Tivesse eu dinheiro para sedas e rendas que mostrava a esses duques o que é ser uma rapariga bonita.

Billy foi apanhado de surpresa. Nunca pensara na mãe como sendo bonita ou feia, embora, quando se arranjava para ir à reunião na capela aos sábados à tardinha, ficasse de facto um deslumbramento, sobretudo de chapéu. Calculava que em tempos talvez tivesse sido uma rapariga bonita, mas custava-lhe imaginar isso.

— E note-se bem — prosseguiu o avô —, a família da tua avó também tinha miolos. O meu cunhado era mineiro, mas abandonou a actividade e abriu um café em Tenby. Aquilo é que era uma boa vida... Os ares do mar, e não fazer nada o dia todo para além de servir cafés e contar dinheiro.

O pai começou a ler outro artigo: — «No âmbito dos preparativos para a coroação, o Palácio de Buckingham elaborou um livro de instruções com duzentas e vinte páginas.» — Espreitou por cima do jornal. — Não te esqueças de mencionar isto hoje lá na mina. Será um alívio para os homens saberem que nada foi deixado ao acaso.

Billy não estava muito interessado na realeza. Do que ele gostava era das aventuras que o *The Daily Mail* costumava publicar acerca de indivíduos duros que jogavam rãguebi, tinham sido educados em colégios privados e deitavam a mão a espões alemães traiçoeiros. De acordo com o jornal, não havia cidade na Grã-Bretanha que não estivesse infestada de espões daqueles, embora, infelizmente, Aberowen parecesse constituir uma excepção à regra.

Billy levantou-se.

— Vou ao fundo da rua — anunciou ele. Saiu de casa pela porta da frente. «Ir ao fundo da rua» era um eufemismo familiar: significava ir à casa de banho, situada a meio de Wellington Row. Tratava-se duma barraca baixa de tijolo, com telhado de chapa ondulada, construída por cima dum buraco bem fundo na terra. A barraca tinha dois compartimentos, um para os homens, outro para as mulheres. Cada compartimento tinha duas sanitas, de modo que as pessoas podiam servir-se da casa de banho às duas de cada vez. Ninguém sabia por que motivo o

construtor optara por aquela disposição, mas toda a gente tirava o melhor proveito que podia. Os homens fixavam o olhar em frente e não abriam a boca, mas — como Billy ouvia com frequência — as mulheres travavam amenas conversas. O fedor era nauseabundo, mesmo para quem estava habituado a senti-lo desde que nascera. Billy tentava sempre conter a respiração o mais possível quando estava lá dentro, e saía de lá ofegante. O buraco era escavado e limpo periodicamente por um indivíduo chamado Dai Bosta.

Quando Billy voltou para casa, ficou encantado por ver a irmã, Ethel, sentada à mesa.

— Feliz aniversário, Billy! — exclamou ela. — Não podia deixar de passar por cá para te dar um beijo de parabéns antes de desceres ao poço.

Ethel tinha dezoito anos, e, nela, Billy não tinha qualquer dificuldade em ver uma beleza. O cabelo castanho-avermelhado estava irrepreensivelmente encaracolado, e nos olhos escuros cintilava-lhe uma expressão travessa. Talvez em tempos a mãe tivesse sido assim. Ethel envergava o vestido preto simples e a touca de algodão branco típicos das criadas, uma indumentária que a favorecia.

Billy idolatrava Ethel. Para além de bonita, a irmã era engraçada, esperta e corajosa, e havia ocasiões em que chegava mesmo a fazer frente ao pai. Contava coisas a Billy que mais ninguém se dava à maçada de lhe explicar, como, por exemplo, o episódio mensal a que as mulheres chamavam período e qual fora o crime de atentado ao pudor público que obrigara um pastor duma paróquia anglicana a abandonar a cidade às pressas. Enquanto andara na escola, ela fora sempre a melhor aluna da turma, e o ensaio da sua autoria subordinado ao tema «A minha cidade ou aldeia» ganhara o primeiro prémio num concurso patrocinado pelo *The South Wales Echo*. Recebera um exemplar do *Atlas do Mundo Cassell*.

Pregou um beijo na cara de Billy.

— Eu disse a Missis Jevons, a governanta, que estávamos a ficar sem graxa para os sapatos e que era melhor ir dar um pulinho à cidade para comprar uma lata. — Ethel residia e trabalhava em Tŷ Gwyn, a vasta propriedade do conde Fitzherbert, quilómetro e meio montanha acima. Entregou a Billy qualquer coisa embrulhada num trapo limpo. — Surripiiei uma fatia de bolo para ti.

— Oh, obrigado, Ethel! — exclamou ele. Adorava bolo.

A mãe perguntou: — Queres que to junte à tua merenda?

— Sim, por favor.

A mãe tirou uma marmitta de lata do armário e guardou o bolo lá dentro. Cortou mais duas fatias de pão, barrou-as com banha de porco,

polvilhou-as com sal e acrescentou-as à marmita. Todos os mineiros levavam uma marmita com a merenda. Se levassem para o fundo da mina comida embrulhada num pano, quando chegasse o intervalo do meio da manhã, já os ratos teriam dado conta dela. A mãe disse-lhe então: — Quando trouxeres o salário para casa, podes começar a levar uma fatia de toucinho cozido na tua merenda.

Os proventos de Billy não seriam grande coisa, pelo menos a princípio, mas sempre fariam alguma diferença para a família. Tentou imaginar com quanto dinheiro a mãe o deixaria para as despesas miúdas e se algum dia seria capaz de poupar o suficiente para comprar uma bicicleta, coisa que ele desejava acima de tudo neste mundo.

Ethel tornou a sentar-se à mesa. O pai questionou-a: — Como é que vão as coisas lá no casarão?

— Muito calmas — respondeu-lhe a filha. — O conde e a princesa foram a Londres para assistir à coroação. Deitou uma olhadela ao relógio em cima da lareira. — Não tarda, devem estar a levantar-se da cama... Têm de estar na abadia a horas. Ela não vai gostar nada... não está habituada a acordar cedo... mas não pode fazer esperar o rei.

— A esposa do conde, Bea, era uma princesa russa muito distinta. O pai comentou: — Eles hão-de querer arranjar lugares à frente para poderem assistir ao aparato todo.

— Ah, não, as pessoas não se podem sentar onde muito bem entenderem — explicou-lhe a Ethel. — Mandaram fazer seis mil cadeiras de mogno propositadamente para a ocasião, com os nomes dos convidados gravados a ouro.

O avô desabafou: — Bom, mas que grande desperdício! E que destino lhes irão dar depois?

— Isso não sei. Talvez cada um leve a sua para casa como recordação.

O pai ripostou com secura: — Pede-lhes que tragam uma que esteja vaga cá para casa. Nós só somos cinco, e mesmo assim a tua mãe vê-se obrigada a ficar de pé.

Havia alturas em que as piadas do pai continham uma boa dose de indignação subjacente. Ethel levantou-se dum pulo.

— Oh, desculpe, mamã. Não reparei.

— Deixa-te ficar onde estás. Eu ando tão atarefada que nem tempo para me sentar tenho — sossegou-a a mãe.

O relógio deu as cinco. O pai disse: — É melhor chegares cedo, Billy, meu rapaz. Mais vale começares com o pé direito.

Billy levantou-se da mesa com relutância e pegou na sua marmita.

Ethel pregou-lhe outro beijo, e o avô deu-lhe um aperto de mão. O pai ofereceu-lhe dois pregos de seis polegadas, enferrujados e ligeiramente tortos.

— Guarda-os no bolso das calças — recomendou-lhe.

— E para que é que servem? — indagou Billy.

— Verás — assegurou-lhe o pai com um sorriso.

A mãe entregou a Billy uma garrafa dum quarto de galão com tampa de enroscar cheia de chá frio, leite e açúcar. Disse-lhe: — Olha, meu filho, lembra-te de que Jesus está sempre contigo, mesmo no fundo da mina.

— Sim, mamã.

O filho viu-lhe uma lágrima ao canto do olho e afastou-se rapidamente dela, pois caso contrário também ficaria com vontade de chorar.

— Então, até logo — despediu-se, como se fosse para a escola. E saiu porta fora.

Até à data, o Verão tinha sido quente e soalheiro, mas hoje o céu estava nublado e até parecia prometer chuva. Foi encontrar Tommy encostado à parede da casa, à espera.

— Ora viva, Billy — cumprimentou-o.

— Ora viva, Tommy.

Desceram a rua lado a lado.

Aberowen fora em tempos uma vila onde se realizava uma feira a que acorriam os agricultores das colinas ao redor, aprendera Billy na escola. Do alto de Wellington Row, avistava-se a antiga zona comercial, com os cercados ao ar livre do mercado do gado, o edifício de comércio da lã e a igreja anglicana, todos na mesma margem do rio Owen, que pouco mais era que um riacho. Agora, uma via-férrea atravessava a povoação como uma chaga, terminando na entrada do poço da mina. As casas dos mineiros tinham-se disseminado pelas encostas do vale, centenas de casas de pedra cinzenta com telhados do cinzento ainda mais escuro da ardósia de Gales. Estavam construídas em longas fiadas sinuosas que acompanhavam os contornos das vertentes, fiadas essas cruzadas por ruas mais pequenas que mergulhavam a pique no fundo do vale.

— Com quem é que achas que te vão pôr a trabalhar? — interpe-lou-o Tommy.

Billy encolheu os ombros. Os novatos eram entregues ao cuidado dum dos adjuntos do gerente da mina de carvão. — Não faço ideia.

— Oxalá me ponham nos estábulos. — Tommy gostava de cavalos. Havia cerca de cinquenta pôneis alojados na mina. Puxavam as vagonetas que os mineiros enchiam, arrastando-as ao longo de carris. — Que tipo de trabalho é que queres fazer?

Billy esperava que não lhe atribuíssem uma tarefa demasiado pesada para o seu físico acriançado, mas não estava disposto a dar parte de fraco.

— Lubrificar as vagonetas — disse ele.

— Porquê?

— Parece ser uma coisa fácil.

Passaram pela escola que ainda na véspera tinham frequentado. Era um edifício vitoriano com janelas ogivais, como as das igrejas. Fora mandada construir pela família Fitzherbert, facto que o director nunca se cansava de recordar aos alunos. Ainda era o conde que designava os professores e decidia o programa. As paredes estavam revestidas com pinturas de vitórias militares, e a grandeza da Grã-Bretanha era um tema constante. Na aula sobre a Bíblia que dava início a cada dia, ensinavam-se as rígidas doutrinas anglicanas, pese embora a maior parte dos alunos fosse oriunda de famílias não-conformistas. A escola era dotada duma comissão directiva, da qual o pai de Billy era membro, mas aquela tinha apenas poder consultivo. O pai dizia que o conde tratava a escola como se fosse sua propriedade particular.

No último ano de estudos, Billy e Tommy tinham aprendido os princípios da exploração mineira, enquanto às raparigas eram ensinadas costura e cozinha. Fora com surpresa que Billy descobrira que o solo debaixo dos seus pés era formado por camadas de diferentes espécies de terra, como uma pilha de sanduíches. Um jazigo carbonífero — uma expressão que toda a vida ouvira sem compreender verdadeiramente o seu significado — era uma dessas camadas. Tinha também aprendido que o carvão era constituído por folhas mortas e outras matérias orgânicas, acumuladas ao longo de milhares de anos e comprimidas sob o peso da terra que se achava por cima. Tommy, cujo pai era ateu, dizia que isto provava que a Bíblia estava errada. O pai de Billy, porém, defendia que se tratava apenas duma interpretação possível.

Àquela hora, a escola estava sem ninguém, o recreio, deserto. Billy sentia-se orgulhoso por ter deixado os estudos para trás, embora lá no fundo desejasse voltar para as aulas ao invés de ir para a mina.

À medida que se aproximavam da entrada do poço, as ruas começavam a encher-se de mineiros, cada um munido das respectivas marmita e garrafa de chá. Trajavam todos de forma idêntica, com fatos velhos que despiam logo que chegassem ao posto de trabalho. Havia algumas minas que eram frias, contudo, a de Aberowen era quente, e os mineiros trabalhavam em roupa interior e de botas, ou com uns calções de linho grosseiro. Toda a gente usava um boné acolchoado, que nunca tirava, porque os tectos dos túneis eram baixos e era fácil bater lá com a cabeça.

Acima das casas, Billy avistou o guincho de manobra, uma torre encimada por duas grandes rodas que giravam em sentidos contrários

e puxavam os cabos que faziam subir e baixar a gaiola. Estruturas similares de entrada nos poços das minas avultavam acima da maior parte das cidades do Sul de Gales, da mesma forma que os pináculos das igrejas dominavam as aldeias rurais.

Viam-se outros edifícios espalhados em volta da entrada da mina, como se alguém os tivesse deixado lá cair sem querer: a sala das lanternas, o escritório, a forja, os armazéns. As vias-férreas serpenteavam por entre os edifícios. No terreno baldio, viam-se vagonetas avariadas, vigas de madeira rachadas, sacos de ração e montanhas de maquinaria enferrujada e abandonada, tudo coberto por uma camada de pó de carvão. O pai de Billy não se cansava de avisar que, se os mineiros mantivessem as coisas em ordem, haveria menos acidentes.

Billy e Tommy dirigiram-se ao escritório da mina. Na sala da frente, encontraram Arthur Llewellyn «Sarapintado», um escriturário pouco mais velho que eles. Vestia uma camisa branca com o colarinho e os punhos sujos. Já eram esperados — os pais tinham combinado de antemão que começariam a trabalhar hoje. O Sarapintado apontou o nome de ambos num livro-razão e em seguida conduziu-os ao gabinete do gerente da mina.

— O jovem Tommy Griffiths e o jovem Billy Williams, Mister Morgan — anunciou.

Maldwyn Morgan era um indivíduo alto de fato preto. Não se lhe via pó de carvão nos punhos da camisa. As faces rosadas não apresentavam sinais de restolho, o que significava que se deveria barbear todos os dias. O seu diploma de engenharia estava pendurado na parede, protegido por uma moldura, e o chapéu de coco (outro distintivo do seu estatuto) era visível no bengaleiro junto à porta.

Para surpresa de Billy, não se achava sozinho. A seu lado, via-se uma figura ainda mais impressionante: Perceval Jones, director da Celtic Minerals, a empresa que era proprietária e explorava a mina de carvão de Aberowen, entre várias outras. Indivíduo baixo e agressivo, os mineiros tinham-lhe posto a alcunha de Napoleão. Envergava um fraque preto, umas calças cinzentas listradas e não tirara a cartola preta.

Jones mirou os rapazes com ar de desprezo.

— Griffiths — disse ele. — O teu pai é um socialista revolucionário.

— Sim, Mister Jones — assentiu Tommy.

— E ateu, ainda por cima.

— Sim, Mister Jones.

Desviou o olhar para Billy.

— E o teu pai é representante da Federação dos Mineiros do Sul de Gales.

— Sim, Mister Jones.

— Eu não gosto de socialistas. Os ateus estão condenados à danação eterna. E os sindicalistas são os piores deles todos.

Presenteou-os com um olhar feroz, mas, como não tinha feito nenhuma pergunta, Billy não disse nada.

— Não quero aqui desordeiros — prosseguiu Jones. — No vale de Rhondda, estão em greve há quarenta e três semanas porque há pessoas da laia do teu pai a atiçá-los.

Billy sabia que a greve no Rhondda não fora provocada por desordeiros, mas pelos proprietários da Mina Ely em Penygraig, que impediam a entrada dos mineiros. Mas achou por bem continuar calado.

— Vocês são desordeiros? — Jones apontou um dedo ossudo a Billy, e este tremeu que nem varas verdes. — O teu pai disse-te para defenderes os teus direitos enquanto estiveres a trabalhar para mim?

Billy fez um esforço por reflectir, embora isso lhe fosse difícil sob o olhar ameaçador de Mr. Jones. O pai não lhe dissera grande coisa naquela manhã, mas na noite da véspera dera-lhe alguns conselhos.

— Com a sua licença, meu senhor, ele disse-me: «Não faltes ao respeito aos patrões; disso encarrego-me eu.»

Nas costas dele, Llewellyn Sarapintado riu-se à socapa.

Perceval Jones não lhe achou graça nenhuma. — Selvagem insolente — vociferou ele. — Mas, se eu te mandar embora, tenho o vale em peso em greve.

Billy não se lembrara disso. Seria assim tão importante? Não... Mas os mineiros poderiam fazer greve em defesa do princípio de que os filhos dos seus representantes não deviam sofrer represálias. Entrara ao trabalho havia menos de cinco minutos e já tinha o sindicato a protegê-lo.

— Desanda daqui para fora — disse-lhe Jones.

Morgan assentiu com a cabeça.

— Leva-os lá para fora, Llewellyn — ordenou ele ao Sarapintado. — O Rhys Price encarregar-se-á de ambos.

Billy conteve um resmungo. Rhys Price era um dos adjuntos do gerente mais impopulares. No ano anterior, andara a arrastar a asa a Ethel, e esta rejeitara-o sem apelo nem agravo. Diga-se em abono da verdade que fizera a mesma coisa a metade dos homens solteiros de Aberowen, mas Price levava a rejeição a peito.

O Sarapintado deu uma sacudidela à cabeça.

— Rua! — disse, saindo atrás deles. — Fiquem aí fora à espera de Mister Price.

Billy e Tommy abandonaram o edifício e encostaram-se à parede junto à porta.

— Só me apetece dar um soco naquela barriga gorda do Napoleão — desabafou Tommy. — Mas que filho-da-mãe capitalista!

— Isso — reiterou Billy, embora tal coisa nem lhe tivesse passado pela cabeça.

Rhys Price apareceu passado um instante. À semelhança dos outros adjuntos, usava um chapéu redondo de copa baixa, mais dispendioso que os bonés dos mineiros, mas menos que os chapéus de coco. Nos bolsos do colete, trazia um bloco de apontamentos, um lápis e uma régua com uma jarda de comprimento. Price tinha restolho escuro nas faces e uma falha nos dentes da frente. Billy sabia que era esperto, mas pouco digno de confiança.

— Bom dia, Mister Price — cumprimentou-o ele.

Price afivelou um ar desconfiado. — Quem é que te deu licença para dares os bons-dias, Billy Duas Vezes?

— Mister Morgan disse-nos que íamos descer ao poço consigo.

— Ai ele disse isso, foi? — Price tinha o hábito de despedir olhares à esquerda e à direita, e às vezes para trás, como se estivesse à espera de sarilhos duma procedência desconhecida. — Isso é o que vamos ver não tarda. — Ergueu o olhar para o guincho de manobra, como se procurasse uma explicação lá no alto. — Não tenho tempo para lidar com miúdos. — Entrou no escritório.

— Espero que ele arranje outra pessoa para nos levar lá para baixo — desabafou Billy. — Odeia a minha família porque a minha irmã se recusou a sair com ele.

— A tua irmã julga-se boa de mais para os homens de Aberowen — comentou Tommy, obviamente a repetir o que ouvira dizer a alguém.

— Mas ela é mesmo boa de mais para eles — ripostou Billy em tom decidido.

Price saiu do escritório. — Muito bem, venham por aqui — disse a ambos, afastando-se a passo rápido.

Os rapazes seguiram a reboque dele até à sala das lanternas. O lanterneiro entregou a Billy uma lanterna de segurança de latão polido, e ele pendurou-a no cinto, como os homens faziam.

Ouvira falar das lanternas dos mineiros na escola. Entre os perigos do trabalho das minas de carvão contava-se o metano, um gás inflamável que exsudava dos jazigos carboníferos. Os homens chamavam-lhe grisú, e estava na origem de todas as explosões subterrâneas. As minas galesas eram particularmente ricas em gases. A lanterna fora engenhosamente concebida de modo a que a sua chama não inflamasse o grisú. Na verdade, a chama mudava de forma, tornando-se mais afunilada, dando assim um sinal de aviso, pois o grisú não tinha cheiro.

Se a lanterna se apagasse, não podia ser o próprio mineiro a acendê-la. Era proibido levar fósforos para a mina, e a lanterna estava fechada à chave a fim de desencorajar infrações à regra. Uma lanterna apagada teria de ser levada para um posto de iluminação, em geral próximo do fundo do poço. Isto poderia exigir uma caminhada dum quilómetro ou mais, mas valia a pena de modo a evitar o risco duma explosão subterrânea.

Na escola, os rapazes tinham aprendido que a lanterna de segurança era uma das formas que os proprietários das minas tinham de mostrar a sua preocupação com os empregados. «Como se», como dizia o pai de Billy, «os patrões não tivessem qualquer vantagem em evitar as explosões, as interrupções no trabalho e os estragos nos túneis.»

Depois de recolherem as suas lanternas, os homens puseram-se na fila para entrar na gaiola. Habilmente afixado ao lado da fila, estava um quadro de avisos. Escritos à mão ou impressos em caracteres grosseiros, os avisos anunciavam treinos de críquete, um jogo de dardos, um canivete perdido, um recital a cargo do Coro Masculino de Aberowen e uma prelecção sobre a teoria do materialismo histórico de Karl Marx na Biblioteca Livre. Todavia, os adjuntos não eram obrigados a ficar à espera, e Price abriu caminho aos empurrões até à frente, com os rapazes a reboque.

À semelhança da maior parte das minas, Aberowen possuía dois poços munidos de ventiladores para forçar a descida do ar por um e a subida pelo outro. Os proprietários costumavam baptizar os poços com nomes esquisitos, que, naquele caso, eram Píramo e Tisbe. Aquele, o Píramo, era o poço ascendente, e Billy sentia a corrente de ar quente vinda do fundo do poço.

No ano anterior, Billy e Tommy haviam decidido espreitar para o poço da mina. Na segunda-feira de Páscoa, aproveitando que os homens estavam de folga, tinham fintado o guarda e atravessado o terreno baldio à socapa até à entrada do poço, posto o que treparam a vedação. Dado que a entrada do poço não era completamente vedada pela caixa da gaiola, deitaram-se de barriga para baixo, pondo-se a espreitar pela beira. Fitaram com um fascínio atemorizado o buraco terrível, e Billy sentira o estômago às voltas. A escuridão parecia-lhes infinita. Sentiu um calafrio que era em simultâneo de alívio por não ter de descer lá abaixo e de terror por saber que um dia teria mesmo de descer. Atirou uma pedra para o fundo, e ficaram ambos a ouvi-la saltar contra o condutor de madeira da gaiola e o revestimento de tijolo do poço. Tiveram a impressão de que se passou um tempo tenebrosamente longo antes de ouvirem o chape leve e distante da pedra a atingir a poça de água lá no fundo.

Agora, um ano decorrido, estava prestes a seguir o percurso daquela pedra.

Disse a si próprio para não se acobardar. Tinha de se portar como um homem, mesmo que não se sentisse como um homem. O pior que lhe poderia acontecer seria desgraçar-se. Tinha mais medo disso que de morrer.

Estava a ver a porta gradeada corrediça que vedava o poço. Para lá dela, reinava o vazio, pois a gaiola vinha a subir. Na extremidade mais afastada do poço, via o guincho de manobra que fazia movimentar as grandes rodas lá no alto. O mecanismo libertava jactos de vapor. Os cabos embatiam nas passadeiras com um ruído semelhante a uma chicotada. Sentia-se no ar um odor a óleo quente.

Com um estrépito metálico, a gaiola vazia surgiu por detrás da porta gradeada. O contramestre de superfície correu a grade. Rhys Price entrou na gaiola vazia, seguido dos dois rapazes. Treze mineiros entraram atrás deles — a gaiola levava dezasseis no total. O contramestre fechou a grade com força.

Houve um momento de espera. Billy sentiu-se vulnerável. O piso sob os seus pés era sólido, mas não teria de se esforçar muito para se espremer por entre os espaços amplos das barras laterais. A gaiola estava suspensa por um cabo de aço, mas nem assim era completamente segura: toda a gente sabia que o cabo do guincho de Tirpentwys rebentara num dia de 1902, e que a gaiola se despenhara no fundo do poço, roubando a vida a oito homens.

Cumprimentou o mineiro a seu lado com um aceno de cabeça. Era Harry Hewitt «Seboso», um rapaz com cara de pudim escassos três anos mais velho que ele, embora fosse trinta centímetros mais alto. Billy lembrava-se de Harry da escola: ficara engasgado na terceira classe com os miúdos de dez anos, chumbando no exame ano após ano, até ter idade suficiente para começar a trabalhar.

Ouviu-se uma campainha, a indicar que o operador no fundo do poço tinha fechado a sua grade. O contramestre de superfície puxou uma alavanca e tocou outra campainha. A máquina a vapor silvou, e deu-se outro estrépito.

A gaiola precipitou-se no vazio.

Billy sabia que ia em queda livre, travando a tempo para uma aterragem suave; todavia, nenhuma previsão teórica seria suficiente para o preparar para a sensação de mergulhar nas entranhas da terra sem que nada o pudesse impedir. Os seus pés pairaram acima do chão. Gritou, aterrorizado. Foi-lhe impossível conter-se.

Os homens desataram na risota. Sabiam que era a primeira vez que ele fazia aquela descida e estavam à espera da sua reacção, aperce-

beu-se. Tarde de mais, reparou que todos se agarravam às barras da gaiola para não levantarem voo. Contudo, essa constatação não contribuiu em nada para lhe aquietar o medo. Só à custa de maxilares cerrados conseguiu conter os gritos.

Por fim, o travão engatou. A velocidade da queda abrandou, e os pés de Billy pousaram no chão. Agarrou-se a uma barra e fez um esforço por controlar as tremuras. Não tardou, o medo foi substituído por uma sensação de injustiça tão forte que se sentiu à beira das lágrimas. Olhou para a cara risonha do Seboso e gritou acima do barulho: — Fecha mas é essa bocarra, Hewitt, seu miolos de caca!

A expressão do Seboso alterou-se instantaneamente, e ele fez um ar furioso, mas foi da maneira que os outros ainda se riram mais. Billy teria de pedir desculpa a Jesus por dizer palavrões, mas sempre se sentiu menos idiota.

Olhou para Tommy, que estava branco como a cal. Teria Tommy gritado? Billy teve receio de lhe perguntar, não fosse a resposta ser negativa.

A gaiola deteve-se, a porta gradeada abriu-se de rompante, e Billy e Tommy entraram a tremer na mina.

Estava escuro como breu. As lanternas dos mineiros emitiam uma luz ainda mais fraca que os candeeiros a petróleo nas paredes de sua casa. A mina estava tão negra como uma noite sem luar. Talvez não precisassem de ver bem para partir o carvão, pensou Billy. Chapinhou por uma poça e, ao baixar os olhos, viu água e lama por todos os lados, a cintilar com os ténues reflexos das chamas das lanternas. Veio-lhe à boca um sabor estranho; o ar estava saturado de pó de carvão. Seria possível que os homens passassem o dia a respirar aquele ar? Deveria ser por isso que os mineiros estavam constantemente a tossir e a cuspir.

Estavam quatro homens à espera de entrar na gaiola para subir à superfície. Cada um transportava uma mala de cabedal, e Billy apercebeu-se de que se tratava de bombeiros. Todas as manhãs, antes de os homens pegarem ao serviço, os bombeiros vinham medir os níveis de gás. Se a concentração de metano fosse inaceitavelmente elevada, davam ordem aos mineiros para só começarem a trabalhar depois de os ventiladores eliminarem o gás.

Ali próximo, Billy viu uma série de baias para os póneis e uma porta aberta que dava acesso a uma sala bem iluminada, com uma secretária, supostamente um gabinete para os adjuntos. Os homens começaram então a dispersar, afastando-se ao longo de quatro túneis que irradiavam do fundo do poço. Os túneis chamavam-se galerias e conduziam aos sectores da mina onde o carvão era extraído.

Price levou-os para uma barraca e abriu um cadeado. Escolheu duas pás, entregou uma a cada um dos rapazes e tornou a fechar o cadeado.

Dirigiram-se aos estábulos. Um homem só com calções vestidos e de botas estava a retirar pazadas de palha suja duma baia, atirando-as para uma vagoneta de carvão. O suor escorria-lhe pelas costas musculadas. Price disse-lhe:

— Queres um rapaz para te ajudar?

O homem deu meia-volta, e Billy reconheceu Dai Póneis, um dos presbíteros da Capela Betsaida. Dai não deu mostras de reconhecer Billy.

— O pequenote não quero — disse ele.

— Está certo — acedeu Price. — O outro é o Tommy Griffiths. Podes ficar com ele.

Tommy ficou todo satisfeito. Concretizara o seu desejo. Apesar de não fazer senão limpar as baias, ficaria a trabalhar nos estábulos.

Price chamou-o então: — Anda daí, Billy Duas Vezes — e encaminhou-se para uma das galerias.

Billy pôs a pá ao ombro e foi atrás dele. Sentia-se mais ansioso agora que já não tinha a companhia de Tommy. Desejava ter sido encarregado de limpar os estábulos juntamente com o amigo.

— O que é que eu vou fazer, Mister Price? — indagou ele.

— Já estás mesmo a adivinhar, não é verdade? — retorquiu Price.

— Por que diabo achas que te dei a merda duma pá para a mão?

Billy ficou chocado ao ouvi-lo recorrer a semelhante linguagem com tanta desenvoltura. Não fazia a mais pequena ideia de qual seria a sua tarefa, mas escusou-se a mais perguntas.

O túnel era redondo, com o telhado reforçado por suportes de aço curvados. Um tubo de duas polegadas percorria a parte mais elevada, presumivelmente para transportar água. Todas as noites as galerias eram borrifadas com o objectivo de fazer assentar o pó. Não era apenas o perigo para os pulmões dos homens que estava em causa — se fosse apenas isso, o mais certo seria a Celtic Minerals não se maçar —, mas constituía um factor de risco de incêndio. Todavia, o sistema de aspersão não era eficaz. O pai de Billy defendia que seria necessário um tubo com seis polegadas de diâmetro, mas Perceval Jones recusara-se a gastar dinheiro.

Ao fim de cerca de quatrocentos metros, viraram para um túnel transversal que progredia em sentido ascendente. Tratava-se dum corredor mais antigo e estreito, com escoras de madeira ao invés de cintas de aço. Price era obrigado a baixar a cabeça sempre que o túnel formava uma barriga. A intervalos de cerca de trinta metros, iam passando por entradas para postos de trabalho onde os mineiros já estavam a extrair carvão.

Billy ouviu um ruído surdo e prolongado, e Price disse-lhe: — Enfia-te no poço de inspecção.

— O quê? — Um poço de inspecção era uma coisa que existia nos passeios das cidades, e ali ele não via nada no chão excepto os carris sobre os quais deslizavam as vagonetas. Ergueu o olhar e viu um pónei a trotar direito a ele, a descer rapidamente pelo declive à frente dum comboio de vagonetas.

— Já para o poço! — gritou-lhe Price.

Billy continuava sem perceber o que o outro queria dizer, mas reparou que o túnel pouco mais largo era que as vagonetas, e que não tardaria a ser atropelado. Nesse instante, teve a impressão de ver Price coser-se com uma parede e desaparecer.

Billy deixou cair a pá, deu meia-volta e desatou a correr por onde viera. Fez o possível por ganhar avanço em relação ao pónei, mas este vinha a uma velocidade surpreendente. Foi então que avistou um nicho aberto na parede, a toda a altura do túnel, e se apercebeu de que já reparara naqueles túneis, sem se perguntar para que serviriam, mais ou menos a cada vinte e cinco metros. Deveria ser àquilo que Price chamara poço de inspecção. Atirou-se de rojão para dentro dum deles, e o comboio passou por ambos com um estrondo retumbante.

Depois de ele se afastar, Billy saiu do nicho, ofegante.

Price fingiu-se zangado, mas estava a sorrir.

— Para a próxima, vê se prestas mais atenção — aconselhou-o. — Senão ainda morres aqui em baixo... Como aconteceu ao teu irmão.

A maior parte dos homens tinha prazer em desmascarar a ignorância dos rapazes e escarnecer deles, achava Billy. Quando crescesse, estava decidido a ser diferente.

Apanhou a pá do chão. Estava intacta.

— Sorte a tua — comentou Price. — Se a vagoneta a tivesse partido, terias de pagar uma nova.

Seguiram em diante e não tardaram a chegar a um sector esgotado, onde não se via ninguém nos postos de trabalho. Havia menos água no caminho, e o chão estava coberto por uma espessa camada de pó de carvão. Fizeram vários desvios, e Billy perdeu o sentido de orientação.

Chegaram a um local onde o túnel estava obstruído por uma vagoneta velha e suja.

— Esta área precisa de ser limpa — disse-lhe Price. Era a primeira vez que se dava ao incómodo de lhe explicar fosse o que fosse, e Billy teve a sensação de que lhe mentia. — A tua tarefa é deitar a porcaria para dentro da vagoneta.

Billy olhou ao seu redor. A poeira atingia uns bons trinta centímetros de altura até aonde a luz da sua lanterna alcançava, e calculava

que chegaria muito mais longe. Poderia passar ali uma semana a limpar com a pá que não faria grandes progressos. E com que objectivo? O sector já estava esgotado. Mas não fez perguntas. Aquilo deveria ser uma espécie de teste.

— Daqui a pouco volto a passar por cá para ver como te estás a sair — avisou-o Price, arrepiando caminho e deixando Billy entregue a si próprio.

Não estava à espera daquilo. Julgara que iria trabalhar com homens mais velhos e aprender com eles. Mas não tinha outro remédio senão fazer o que lhe mandavam.

Desprendeu a lanterna do cinto e olhou ao seu redor à procura dum sítio onde a pudesse pousar. Não havia nada que lhe pudesse servir de prateleira. Assentou a lanterna no chão, mas ali ser-lhe-ia praticamente inútil. Foi então que se lembrou dos pregos que o pai lhe dera. Afinal, era para isso que eles serviam. Tirou um do bolso. Com a ajuda da pá, martelou-o numa escora de madeira e em seguida pendurou lá a lanterna. Assim, estava melhor.

A vagoneta dava pelo peito dum homem, mas chegava ao ombro de Billy, e, quando começou a trabalhar, verificou que metade do pó escorregava da pá antes de o conseguir fazer transpor a borda. Arranjou um método de virar a pá para impedir que isso acontecesse. Não tardou, estava banhado em suor, e foi então que se apercebeu da função do segundo prego. Martelou-o noutra escora de madeira e pendurou nele as calças e a camisa.

Passado um bocado, teve a impressão de que havia alguém a observá-lo. Pelo canto do olho, avistou uma silhueta esbatida, imóvel como uma estátua.

— Ó meu Deus! — guinchou, voltando-se para a encarar.

Era Price.

— Esqueci-me de verificar a tua lanterna — explicou-lhe este. Retirou a lanterna de Billy do prego e fez-lhe qualquer coisa. — Não está grande coisa — comentou. — Vou deixar-te a minha. — Pendurou a outra lanterna e desapareceu.

Price era uma personagem sinistra, mas pelo menos parecia preocupar-se com a segurança de Billy.

Billy voltou a deitar mãos à obra. Não foi preciso muito para que os braços e as pernas lhe comesçassem a doer. Estava habituado a servir-se duma pá, recordou a si próprio: o pai tinha um porco no baldio nas traseiras da casa, e Billy estava incumbido de limpar a pocilga uma vez por semana. Mas essa tarefa levava-lhe cerca dum quarto de hora. Seria capaz de passar o dia inteiro a fazer aquilo?

Debaixo do pó, o pavimento era de rocha e argila. Passado algum tempo, tinha limpo uma área da largura do túnel. A porcaria mal cobria o fundo da vagoneta, mas ele já estava exausto.

Tentou empurrar a vagoneta para a frente de modo a não ter de percorrer uma distância tão grande com a pá carregada, mas as rodas pareciam estar perras da falta de uso.

Não tinha relógio, e era-lhe difícil calcular quanto tempo passara entretanto. Começou a abrandar o ritmo de trabalho, poupando as forças.

Foi então que a lanterna se apagou.

A chama tremeu uma vez, e ele deitou uma olhadela ansiosa à lanterna pendurada no prego. Sabia, porém, que, em caso de grisu, a chama ficaria alongada. Como não era isso que via, sentiu-se mais tranquilo. Mas depois a chama acabou por se extinguir por completo.

Nunca se achara numa escuridão como aquela. Não via nada, nem áreas sombreadas, nem tão-pouco diferentes tonalidades de preto. Ergueu a pá ao nível dos olhos e susteve-a ligeiramente acima do nariz, mas sem conseguir vê-la. Deveria ser aquilo que significava ser cego.

Deixou-se ficar quieto. O que haveria de fazer? Esperava-se que levasse a lanterna a um posto de iluminação, contudo, nem que visse alguma coisa seria capaz de descobrir o caminho de volta através das galerias. Naquela escuridão, poderia andar às cegas durante horas. Não fazia a mínima ideia de por quantos quilómetros a mina abandonada se estendia, nem tão-pouco queria que os homens se vissem obrigados a mandar uma equipa de socorro à sua procura.

Não teria outro remédio senão esperar por Price. O adjunto dissera-lhe que voltaria daí a pouco. Isto tanto poderia significar alguns minutos como uma hora ou mais. E Billy estava desconfiado de que seria mais tarde que mais cedo. Price fizera certamente aquilo de propósito. As lanternas de segurança não se apagavam assim sem mais nem menos e, para além do mais, ali não corria praticamente vento. Price viera buscar a lanterna de Billy e trocara-a por outra só com um resto de petróleo.

Sentiu-se inundar por uma onda de autocomiseração, e as lágrimas vieram-lhe aos olhos. O que fizera ele para merecer aquilo? Fez um esforço por se dominar. Era outro teste, como a gaiola. Iria mostrar-lhe que era duro quanto bastasse.

Iria continuar a trabalhar mesmo às escuras, decidiu. Movimentando-se pela primeira vez desde que a luz se apagara, baixou a pá e enterrou-a no chão, a tentar apanhar o pó. Quando a levantou, pelo peso, imaginou que a pá viesse carregada. Deu meia-volta, avançou meia dúzia de passos e tentou içá-la, a fim de deitar o lixo para dentro da vagoneta, mas calculou mal a altura. A pá ressoou contra a parte lateral da vagoneta e, enquanto a carga caía ao chão, ficou subitamente mais leve.

Teria de se adaptar. Fez nova tentativa, içando a pá mais alto. Depois de ter descarregado a pá, deixou-a tombar e ouviu o cabo de madeira bater contra a borda da vagoneta. Assim, estava melhor.

Enquanto o trabalho o obrigava a afastar-se cada vez mais da vagoneta, continuou a falhar ocasionalmente, até que começou a contar os passos em voz alta. Foi apanhando um ritmo e, apesar de sentir os músculos doridos, conseguiu levar a tarefa em diante.

À medida que esta se foi tornando automática, a mente de Billy sentiu-se livre para devanear, o que já não era tão bom. Tentou imaginar até aonde chegaria o túnel que tinha à sua frente e havia quanto tempo estaria abandonado. Pensou na quantidade de terra que tinha acima da cabeça, uma altura de cerca de oitocentos metros, e no peso que aquelas velhas escoras de madeira sustentavam. Recordou-se do irmão, Wesley, e dos outros homens que haviam morrido naquela mina. Não que os espíritos deles ali estivessem, obviamente. Wesley estava junto de Jesus. E outros também poderiam estar. Isto, se não estivessem noutra sítio.

Começou a sentir-se amedrontado e considerou que era um disparate estar para ali a pensar em espíritos. Reparou que estava com fome. Seriam horas da merenda? Não fazia ideia, mas achou que mais valia comer. Descobriu o caminho até ao sítio onde pendurara a roupa, tateou o chão por baixo e encontrou a garrafa e a marmita.

Sentou-se de costas contra a parede e bebeu um grande gole de chá doce e fresco. Quando estava a comer o pão com banha de porco, ouviu um leve ruído. Ansiou por que fosse o rangido das botas de Rhys Price, mas foi uma esperança vã. Sabia que guinchadeira era aquela: ratazanas.

Não tinha medo delas. Havia imensas ratazanas nas valetas ao longo de todas as ruas de Aberowen. Contudo, às escuras, pareciam-lhe mais destemidas e, não tardou, tinha uma a passar-lhe por cima das pernas despidas. Transferiu a comida para a mão esquerda, agarrou na pá e arremeteu contra o animal. Aquilo nem sequer as assustou, e sentiu uma vez mais as garras minúsculas a percorrer-lhe a pele. Desta feita, uma tentou trepar-lhe pelo braço. Era óbvio que lhes cheirava a comida. A guinchadeira aumentou, e Billy perguntou-se quantas seriam.

Levantou-se e apressou-se a enfiar o resto do pão na boca. Bebeu outro gole de chá e em seguida comeu o bolo. Era delicioso, cheio de amêndoas e nozes; mas uma ratazana trepou-lhe pela perna, e viu-se obrigado a engolir o bolo sem o poder saborear.

As ratazanas deviam ter percebido que a comida se acabara, pois os guinchos foram sossegando pouco a pouco até se calarem de vez.

A refeição ajudou Billy a recuperar as forças, e regressou ao trabalho, apesar da dor insistente que lhe atormentava as costas. Começou a abrandar o ritmo, fazendo intervalos frequentes para descansar.

A ver se se animava, tentou convencer-se de que deveria ser mais tarde que julgava. Talvez já fosse meio-dia. No final do turno, alguém o viria buscar. O lanterneiro contava os homens, e, por conseguinte, sabiam sempre quando um mineiro não regressava. Mas Price levava a lanterna de Billy e deixara-lhe outra em seu lugar. Tencionaria ele deixá-lo ali até ao dia seguinte?

Nem pensar em tal coisa. O pai ir-se-ia aos arames. Os patrões tinham medo ao pai — o próprio Perceval Jones estivera prestes a admitir isso mesmo. Mais tarde ou mais cedo, alguém viria seguramente à procura de Billy.

Todavia, quando tornou a sentir fome, ficou com a certeza de que se haviam passado muitas horas. Começou a ficar amedrontado, e desta vez não foi capaz de se livrar do medo. O que o enervava era a escuridão. Conseguisse ele ver, e teria sido capaz de suportar a espera. Naquela escuridão total, tinha a sensação de estar a enlouquecer. Não tinha sentido de orientação e, de cada vez que regressava da vagoneta, receava chocar contra a parede do túnel. A princípio, tivera medo de começar a chorar como uma criança. Agora tinha de se conter para não desatar aos gritos.

Foi então que se recordou das palavras da mãe: «Jesus está sempre contigo, mesmo no fundo da mina.» Na altura, Billy julgara que ela estava apenas a dizer-lhe para se portar bem. Agora apercebia-se de que fora mais inteligente que isso. Era óbvio que Jesus estava com ele. Jesus estava em toda a parte. A escuridão não tinha importância, nem tão-pouco a passagem das horas. Billy tinha alguém que tomava conta dele.

A fim de não se esquecer disso, começou a entoar um cântico. Não gostava da sua voz, que ainda era esganiçada, mas, uma vez que não havia ali ninguém para o ouvir, cantou o mais alto que conseguiu. Quando chegou ao fim dos versículos, e o medo tornou a ameaçá-lo, imaginou Jesus de pé do outro lado da vagoneta, a olhar para ele com um ar sério de compaixão no rosto barbudo.

Billy entoou outro cântico. Apanhava o pó com a pá e caminhava ao ritmo da música. A maior parte dos cânticos possuía uma cadência. De vez em quando, tornava a afligir-se de que se pudessem ter esquecido dele, de que o turno já tivesse acabado e de que se achasse sozinho na mina; contudo, não tardava a lembrar-se da figura trajada com um manto que lhe fazia companhia no escuro.

Sabia uma infinidade de cânticos. Frequentava a Capela Betsaida três vezes todos os domingos desde a idade em que era capaz de ficar sentado sem fazer barulho. Uma vez que os livros de cânticos eram caros e nem toda a congregação sabia ler, toda a gente aprendia as letras de cor.

Após ter entoado doze cânticos, calculou que tivesse decorrido uma hora. Com certeza o turno já teria chegado ao fim, não era verdade? Mas cantou outra dúzia. Depois disso, começou a perder-lhes a conta. Cantou os seus preferidos duas vezes. Foi abrandando cada vez mais o ritmo de trabalho.

Estava a entoar «Up from the Grave He Arose» a plenos pulmões quando avistou uma luz. O trabalho tornara-se de tal forma automático que não parou, enchendo outra pazada e levando-a para a vagoneta, ainda a cantar, enquanto a luz ia ficando cada vez mais forte. Quando o cântico chegou ao fim, apoiou-se na pá. Deparou com Rhys Price a olhar para ele, a lanterna dependurada do cinto, com uma expressão de estranheza na cara ensombrada.

Billy não se permitiu a demonstrar alívio. Estava decidido a não revelar a Price o que sentia. Vestiu a camisa e as calças e em seguida retirou a lanterna apagada do prego e pendurou-a à cintura.

Price interpelou-o: — O que foi que aconteceu à tua lanterna?

— O senhor sabe isso melhor que ninguém — retorquiu Billy, e a sua voz soou-lhe invulgarmente adulta.

Price virou-lhe costas e arrepiou caminho através do túnel.

Billy hesitou. Dirigiu o olhar para o lado contrário. Logo atrás da vagoneta, vislumbrou um rosto barbudo e um manto de cor clara, mas a figura desvaneceu-se num ápice.

— Obrigado — disse Billy ao túnel vazio.

Enquanto seguia a reboque de Price, as pernas doíam-lhe tanto que achou que se iria estatelar no chão, mas isso de pouco ou nada lhe importava. Era capaz de ver outra vez, e o turno terminara. Em breve, chegaria a casa e nessa altura poderia deitar-se.

Chegaram ao fundo do poço e entraram na gaiola com um ajuntamento de mineiros de caras mascarradas. Tommy Griffiths não se achava entre eles, mas Hewitt Seboso sim. Enquanto aguardavam pelo sinal lá do alto, Billy reparou que olhavam para ele com sorrisos matreiros.

Hewitt interpelou-o: — Então, como foi que te saíste no teu primeiro dia na mina, Billy Duas Vezes?

— Bem, obrigado — respondeu-lhe Billy.

A expressão de Hewitt era maliciosa; estaria seguramente lembrado de que Billy lhe chamara miolos de caca. Insistiu com ele: — Não tiveste problema nenhum?

Billy hesitou. Era óbvio que dalguma coisa sabiam. Queria que percebessem que não se deixara abater pelo medo. — A minha lanterna apagou-se — disse ele, mantendo a custo a firmeza da voz. Dirigiu o olhar para Price, mas decidiu que seria mais próprio dum homem

abster-se de o acusar. — Não foi fácil passar o dia todo a apanhar pó com a pá às escuras — concluiu. Aquilo era ficar aquém da verdade (eles poderiam ser levados a pensar que a sua provação não fora nada por aí além), mas sempre era preferível a admitir que tivera medo.

Um mineiro de mais idade pronunciou-se. Era John Jones da Loja, assim chamado porque a mulher tinha uma pequena drogaria na sala de estar. — O dia todo? — inquiriu.

Billy confirmou: — Sim.

John Jones olhou para Price e disse-lhe: — Seu patifório, ficou combinado que seria só por uma hora.

Billy viu as suas suspeitas confirmadas. Todos eles estavam a par do sucedido, e dava a ideia de que sujeitavam todos os novatos a um tratamento similar. No seu caso, porém, Price esmerara-se ainda mais.

Hewitt Seboso estava de tacha arreganhada. — Não tiveste medo, Billy, lá sozinho no escuro?

Ponderou uma resposta. Estavam todos de olhos cravados nele, à espera de ouvir o que teria a dizer. Os sorrisos matreiros tinham-se desvanecido, e os homens pareciam agora ligeiramente envergonhados. Decidiu dizer a verdade.

— Tive medo, mas não estive sozinho.

Hewitt ficou desorientado. — Não estiveste sozinho?

— Não, é claro que não — reiterou Billy. — Jesus esteve sempre comigo.

Hewitt soltou uma sonora gargalhada, mas foi o único. O seu riso grosseiro ecoou no silêncio e deteve-se abruptamente.

A quietude prolongou-se por alguns instantes até ser interrompida por um ruído metálico e um solavanco. A gaiola começara a subir. Harry voltou-lhe costas.

Depois disto, passaram a chamar-lhe Billy-com-Jesus.